

RESUMO

A proposta do Projeto “Pensando nas Ruas” é levar aos alunos da rede pública de Ensino Básico, conhecimento introdutório sobre Filosofia, privilegiando o trabalho ético, para construir uma cidadania consciente, através de reflexões sobre sociedade, cultura, vida e humanismo, presentes na tradição filosófica. Visa, assim, desenvolver atividades de ensino de Filosofia, assessorar os professores da rede pública e realizar a divulgação de temas filosóficos atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Ensino de Filosofia. Metodologia de Ensino

ABSTRACT

The proposal of the Project “Thinking in the streets” is to bring to the students of elementary public Education to introduce knowledge about Philosophy, privileging the ethical work, to construct a conscientious citizenship, by means of reflections about society, culture, life and humanism that are in the philosophic tradition. Thus work aims, to develop activities of Philosophy education, to assist the teachers of public schools and to carry through the spreading of current philosophic subjects.

KEY WORDS: Philosophy. Education of Philosophy. Methodology of Education.

INTRODUÇÃO

Devido à recente determinação do governo em tornar novamente obrigatório o ensino de Filosofia, no Ensino Médio, pudemos constatar o grave problema que envolve a existência de poucos profissionais preparados, e de métodos adequados, para efetivar a proposta. Preferimos adotar o ponto de vista do antigo sábio chinês, Confúcio, para quem “um problema já trazia consigo, também, uma solução”. O risco é grande, ao lançarmos o ensino de Filosofia assim, de pronto, sem preparar antes – e não devemos esperar muito dos primeiros resultados. Por outro lado, adiar sua efetivação, poderia criar uma daquelas odiosas situações em que tudo fica sendo protelado indefinidamente, até não mais sair do papel – e isso seria ainda mais lastimável.

Assim, torna-se um desafio, situações como essas acabam nos incitando a buscarmos uma solução para esse quadro. A oportunidade de transformá-lo Projeto surgiu justamente quando, no final de 2007, o governo do estado do Paraná lançou o programa “Universidade sem Fronteiras”, cujo objetivo básico era atrelar a vivência acadêmica a atividades de extensão, ligadas a comunidades e a problemas sociais. Neste caso, ficou patente que o ensino de filosofia tem sido colocado como um dos problemas fundamentais da educação atual, sendo este, possivelmente, um dos motivos mais diretos para aprovar o projeto “Pensando nas Ruas”.

O título do projeto já traz, em si, um dos duplos sentidos, tão felizes, ao nascer algo importante: estamos “pensando nas ruas”, no sentido de levar, até lá, a Filosofia – queremos, porém, igualmente, que as pessoas estejam “pensando nas ruas”, exercitando Filosofia continuamente, e empregando, no cotidiano, o que aprenderam na escola.

PROJETANDO

Para torná-lo viável, montamos então uma equipe de professores e de graduandos, cujos objetivos primeiros seriam os seguintes:

- 1) Analisar e construir métodos para ensinar e divulgar temas de cunho filosófico;
- 2) Produzir material didático e de auxílio aos professores, para ensinar e para debater Filosofia.
- 3) Realizar atividades para defender a Filosofia, buscando apresentá-la como área atraente e enriquecedora, livrando-a do estigma de incompreensível, inacessível e hermética que tradicionalmente a tem acompanhado – justamente pela ausência do ensino de Filosofia nas escolas.

Pensando nas ruas: como ensinar a Filosofia?

André BUENO¹

¹ Prof. Dr. André Bueno, prof. Adjunto da FAFIUV – Cursos de História e Filosofia; Coordenador do Projeto “Pensando nas Ruas”, do Programa Universidade sem Fronteiras. E-mail: pensandonasruas@gmail.com

Dito isso, não foi difícil constatar que existiam algumas experiências preliminares que poderiam ser utilizadas para desenvolver nosso projeto – quase todas, porém, atinham-se à produção de livros didáticos, e não a uma metodologia do ensino de Filosofia. Supor que um livro já traz consigo expediente metodológico, é equivocar-se. Grande parte dos materiais disponíveis representa tendências de conteúdo programático, mas não de sugestões de atividades, de métodos, de formas de trabalho, etc. Nisso há um outro abismo claro, decorrente das circunstâncias históricas, entre os expedientes pedagógicos relacionados ao ensino e à área de Filosofia: afinal, como se ensina Filosofia? Ela pode ser trabalhada como outras disciplinas? Quais, aliás, devem ser seus conteúdos e seus programas? A ausência de uma tradição, neste sentido, coloca-nos absolutamente sem um referencial. Não existem modelos testados, não temos experiências anteriores disponíveis. O outro lado disso, porém, é a inteira liberdade que temos de criar, de imaginar e de conceber o ensino da área: livres das amarras institucionais, a área se encontra aberta de forma extremamente promissora, permitindo um legítimo campo, por onde o saber pode se

aventurar de forma espontânea e criativa. Quanto aos acidentes possíveis da trajetória, devemos ter em mente que podem ser calculados, mas são de certo modo, inevitáveis. A pergunta fundamental é se as outras áreas, mesmo tendo longa tradição de ensino, não cometem também seus erros ou não possuem vícios dificilmente quebráveis: neste sentido, pois, a Filosofia não tem nada a perder, mas tudo a ganhar.

INVESTIGANDO O PROBLEMA

A primeira parte de nossa análise se constituiu, pois, de análises das tendências no ensino de Filosofia, e de estudo das razões por que a Filosofia vem sendo retomada como campo de saber extremamente interessante. Há poucos anos, a Filosofia era área estigmatizada, e suas possíveis contribuições só apareciam, de forma indireta, pelo diálogo estabelecido com outras disciplinas, como História, Ciências, Linguagem, etc. Sem o ensino de Filosofia, nas escolas, a disciplina parecia carecer de sentido existencial; no âmbito acadêmico (salvo nas instituições da Europa ou dos EUA), considerava-se a Filosofia, superada, desnecessária, setor fértil para maquinações políticas que envolviam a dicotomia entre capitalismo e comunismo, nos anos da guerra fria. Mesmo sendo campo de debate, a Filosofia não tornava sua produção acessível, aos olhos do povo (e na maioria das vezes, o debate não era sua preocupação), o que nos permitira aproximá-la da auto-ajuda, de pouquíssima eficácia, porém, para seus praticantes, ou para os que poderiam aprender com os seus praticantes.

Sócrates, pai da Filosofia grega, possivelmente ficaria horrorizado com tais circunstâncias. Como conceber a Filosofia, sem um caráter prático? Quando um filósofo de hoje afirma que “a Filosofia não serve para nada”, talvez devesse mudar apenas uma palavra em sua afirmação: “*minha* Filosofia não serve para nada”, pois, com certeza, nem ele sabe o que está fazendo. Alguém que não sabe o que está fazendo, e mesmo assim, persiste nesta condição, é possivelmente, ignorante, gastando oxigênio da nossa tão combatida biosfera à toa. Melhor seria que se dedicasse a outro assunto, pois como disse Confúcio: “Estudar sem pensar é fútil. Pensar sem estudar é perigoso”.

Isso nos remete, portanto, a buscar definir em que momento a Filosofia voltou a ser tema em baila na educação mundial. Alguns países mantiveram o ensino de Filosofia nas escolas, mesmo nos períodos mais difíceis do diálogo político mundial. A dicotomia entre o mundo “socialista” e o “democrata” parece ter estabelecido, realmente, o parâmetro de “perigo”, no ensino da Filosofia (por tabela, da Sociologia também); enquanto campos do saber que estimulariam reflexão sobre a política (como se fossem só isso!), tornavam-se áreas críticas, perigosas, perniciosas ao bem estar social. O foco principal estava claro, ao reconhecer que a Filosofia propiciava formar consciência crítica; e por este motivo principal, ditaduras de esquerda e de direita removeram-na gradualmente dos currículos escolares, substituindo por disciplinas como

“Estudos Sociais”, “Moral e Cívica”, etc., cujo objetivo era condicionar, e não, fazer refletir.

A RETOMADA

A retomada da Filosofia, no campo do ensino básico ressurgiu a partir da década de 90, as tensões políticas, se dissolverem no âmbito mundial, com o fim da Guerra Fria. Alguns autores, preocupados em atrair novamente as pessoas para o campo da Filosofia, empreenderam lenta busca em re-popularizar a disciplina, fazendo-o, através de expedientes curiosos, como cursos alternativos, cafés filosóficos, semanas culturais, ou até de livros de divulgação, como o infalível “Mundo de Sophia”, de Jostein Gaardner, ou a tétrica série “Filósofos em 90 minutos”, de Paul Straterhn (divertida, mas péssima em termos informativos!). Esse contexto trouxe, à tona, novamente, a difusão da Filosofia como seara válida a ser percorrida, cujo destino final, porém, parecia ainda nebuloso (sobre a divulgação da Filosofia, vejam o texto de Beccari, 1999).

A Filosofia ressurgiu também como forma de reagir, face ao crescimento de movimentos radicais, políticos e religiosos, no contexto da modernidade. Encarando como opção sadia, a questão de uma globalização problemática, a Filosofia foi retomada como arma para contestar causas ecológicas, sociais, científicas, éticas, entre os vários outros campos em que se pode envolver. Toda a demanda foi – e ainda é – excelente, para despertar a consciência sobre a necessidade da Filosofia, mas ainda não é, de todo modo, norte fundamental, para entendermos *como ensinar e fazer Filosofia* nas escolas.

MEIOS

Reconsideremos, pois as poucas experiências que tivemos sobre ensino de Filosofia, ou sobre as maneiras por que se tentou popularizá-la. Se retornarmos até o início do século 20, podemos listá-las, de modo básico, do seguinte modo:

1. Ensino de História da Filosofia – num primeiro momento, os professores interessados em ensinar Filosofia acompanhavam sua trajetória histórica, apresentando cronologicamente os autores, e eventualmente, o contexto histórico. A perspectiva é atraente, pois já traz consigo a lista do que deve ser estudado, de modo naturalmente organizado e teoricamente evolutivo. O lado extremamente negativo da metodologia, porém, mostra o professor definindo os temas a serem apresentados, escolhendo o que mais lhe interessa em um autor, e não necessariamente estimulando a reflexão sobre os conteúdos, mas sim, mostrando mera aprendizagem e a repetição. Além disso, o ensino da Filosofia fica parecendo eterno progresso da mente humana, sem retorno, sem dicotomias ou sem idiosincrasias.
2. Ensino por Eixos temáticos – modernamente, a forma de ensino mais difundida, aborda a Filosofia dividida nas áreas principais, acompanhando a formação

acadêmica, como a Ética, a História da Filosofia, a Lógica, a Epistemologia, e outras, sendo ensinada através dos conteúdos correspondentes. Os eixos envolvem, porém, organização complexa e ainda não resolvida, de metodologia, manifestando-se em problemas, como: Devemos ensinar história da Filosofia primeiro? Quando ensinarmos Ética, teremos de empreender sempre retorno aos autores antigos? E os eixos, podem ser simplificados, ou alguns deles podem ser naturalmente difíceis? Algumas experiências já foram feitas, todas com os aspectos positivos e os negativos, sendo que parte substancial do material didático atual organizou-se nesse sentido, embora não possamos perceber, com clareza, a eficácia e a funcionalidade nos resultados. Citemos alguns exemplos: atualmente, temos 3 livros que representam, de modo direto, a tendência de ensinar através dos eixos temáticos. O primeiro, “Fundamentos de Filosofia”, de Gilberto Cotrim, bom manual de Filosofia, de linguagem simples e acessível, cujo mérito é o pioneirismo; – porém, é muitas vezes, o livro é muitas vezes superficial, quicá lacônico, nas informações, sendo que as atividades por ele propostas não estimulam necessariamente o aprofundamento; “Convite à Filosofia”, de Marilena Chauí, um clássico da Filosofia brasileira, de abordagem excelente, mas de linguagem difícil para os leigos, carecendo também de propostas de ensino (o livro, aliás, constata de forma indireta que é bom para a academia, mas talvez impróprio para o Ensino Médio – Chauí buscou realizar outro livro sobre Filosofia no Ensino Médio que manteve, porém, muitas dessas dificuldades); por fim, “Filosofando”, de Maria Lúcia Aranha, é também ótimo texto, que podemos posicionar entre ambos – bom de ler, denso na medida certa – mas até onde isso resolve, ou aumenta os mesmos problemas dos anteriores, é algo difícil de afirmar. O Livro didático de Filosofia do Paraná englobou a idéia dos eixos temáticos, e ainda somou a ele, a experiência pioneira do sistema folhas (em que os professores produzem textos sobre sua experiência de ensino, e doravante elas podem ser incorporadas ao livro didático); no entanto, o resultado não ficou muito melhor; ao contrário, algumas partes estão confusas e desconectas. A necessidade de avaliar, por fim, torna real o problema dos conteúdos a serem apresentados, e quais parâmetros utilizar.

3. Uma terceira tendência tem sido a de apresentar a Filosofia em eixos “conceituais”, ou seja, ao invés de analisar uma área em específico (como Ética, por exemplo), podemos tentar realizar construções conceituais a partir de idéias ou de temáticas propostas. Os livros “100 idéias que mudaram o mundo”, de Felipe Armesto, “Sci-filo”, de Mark Rowlands ou “O Porco Filósofo”, de Julian Baggini, são três propostas atraentes para apresentar e para discutir aqueles conceitos. A apresentação conceitual tem alguns problemas graves; no entanto, embora estimulante, exige base anterior, ou corre sempre o risco de ficar

num “achismo”. Ma se construiria? Como isso se fará no âmbito escolar? Seria necessário fazer um “período básico”, de Filosofia, antes de “ensinar Filosofia”???? Há ainda um perigo recorrente aqui, o de fazermos da apresentação conceitual um repeteco moralista e mal ajambrado, das antigas disciplinas de OSPB (Organização Social e Política Brasileira), “Educação Moral e Cívica”, etc, cujo destino seria o de incluir a “questão das drogas”, a “questão do aborto”, entre outras, amplamente relacionadas a uma discussão filosófica, não podendo, porém, ser o objetivo final do processo de construir o conhecimento filosófico. Afinal, isso não apenas formataria a Filosofia num caráter único, como também, atravessaria (de modo não interdisciplinar) o trabalho das outras disciplinas.

As constatações nos apresentam um quadro geral das tendências de ensino de Filosofia, com alguns fatores recorrentes, como os problemas metodológicos, a modificação na linguagem dos textos filosóficos, as atividades próprias para ensinar Filosofia, enfim...há muito para se fazer, mas as experiências que nos propomos realizar, no projeto podem ajudar a abrir o caminho.

PLANEJANDO

Num segundo momento, buscamos analisar (ou mesmo, produzir) então as referências possíveis para realizar as atividades de ensino filosófico. Aqui, os procedimentos se dividiram em dois blocos: em primeiro lugar, buscamos desenvolver e aplicar exercícios filosóficos nas escolas, e a partir daí, constatar quais obtiveram retorno satisfatório, e quais precisam ser reavaliadas (e mesmo excluídas). Uma ação favorável foi desenvolver um projeto de apresentações semanais, de Filosofia, numa escola da rede estadual, em União da Vitória. As atividades são planejadas livremente, buscando estabelecer um programa de apresentações, mas sem direcionamento fixo em uma das três teorias já citadas. O uso de expedientes, já comprovados, em outras áreas (dinâmicas de grupo, produções textuais e produções artísticas, etc.), também está sendo empregado, com as devidas adaptações, aos conteúdos de Filosofia. As experiências estão sendo apresentadas sob forma de planos de aula e de materiais didáticos, no site do Projeto, <<http://pensandonasruas.blogspot.com>>.

Mas, para estas experiências não serem puramente empíricas, e para não carecerem de direcionamento teórico, o segundo bloco de atividades consistiu em pesquisar as tradições de ensino de Filosofia, anteriores, no Brasil e em outras partes do mundo, onde a atividade possui algum tipo de histórico válido. Experiências como as de Mathew Lippman e de Walter Kohan demonstraram que, no ensino de Filosofia, o uso de atividades, de jogos e de desafios de raciocínio é bem eficaz, para despertar o interesse pela disciplina, principalmente no caso das crianças. O método de aprendizado, no âmbito acadêmico, dificilmente pode ser transposto, de forma direta, para o espaço escolar. Do mesmo modo, a eleição dos conteúdos

parece indicar que o melhor prepara os alunos, de modo mais profundo para raciocinarem e para refletirem, do que fazê-los apenas dominar alguns eixos temáticos ou conceituais. Alguns países têm realizado experiências enriquecedoras neste campo (tais como a França, a Itália, a Argentina, o Marrocos, o Senegal, entre outros), podendo-se observar que os resultados obtidos estão ligados intimamente a questões culturais, à disponibilidade de materiais, à estruturação do programa escolar, etc. (uma boa fonte sobre o tema é à revista *Discutindo Filosofia* – especial, ano 1 n. 3, 2008, sobre o ensino de Filosofia). Uma tradição de ensino filosófico, ultimamente muito negligenciada é a representada pelas civilizações asiáticas, cujos sistemas conhecem longo acúmulo de experiências que seriam interessantes para nós. O caso da China, por exemplo, é clássico. Organizado segundo a abordagem confucionista, datada do século 6 a.C., o sistema de ensino chinês foi, até 1911, determinado pela análise de textos básicos, cuja fundamentação transitava entre temas diversos, como História, Literatura, Ciências, cujo sentido final era despertar o aluno para refletir sobre moral, para construir cidadania responsável e por fim, para se preparar para exames periódicos que capacitavam os alunos a lecionar funcionalismo público ou a trabalharem em repartições públicas. No cerne do sistema, estava a idéia que os jesuítas trariam para o ocidente, no séculos 16-17 d.C., um sistema educacional eficiente, avaliativo e ético, redundando posteriormente, na criação dos concursos públicos e vestibulares (Bastos, 1998). Após a ascensão do comunismo em 1949, o ensino dos livros confucionistas foi colocado em segundo plano, durante muito tempo, mas vem sendo retomado. De todo o conjunto da experiência, permanece na ideologia chinesa, até os dias de hoje, a importância do aprendizado filosófico (no sentido chinês), que se entende como base formadora da sociedade e da consciência crítica; tomando-a, pois, como contraponto, podemos constatar o quanto o ensino de Filosofia é necessário à coesão social e intelectual de uma civilização.

Nosso desafio consiste, portanto, em encontrar um caminho próprio à nossa realidade. Assim, como iniciativa, o projeto tem, diante de si, a realidade da ausência da Filosofia, em sala de aula, em tempos progressos; por outro lado, as miríades de possibilidades são, justamente, o melhor e o mais enriquecedor destas experiências, cujo resultado, se bem conduzido, será inevitavelmente bom; ou, como disse Renato Russo,

*Venha meu coração está com pressa
Quando a esperança está dispersa
Só a verdade me liberta
Chega de maldade e ilusão
Venha, o amor tem sempre a porta aberta
E vem chegando a primavera
Nosso futuro recomeça:
Venha, que o que vem é perfeição*

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. **Filosofando**. São Paulo: Moderna, 2003.
- ARMESTO, F. **100 idéias que mudaram o mundo**. São Paulo: Arx, 2004.
- BAGGINI, J. **O porco filósofo**. São Paulo: Relume Dumará, 2006.
- BASTOS, A. **Os exames na China Imperial**. Macau: Fundação Macau, 1998.
- BECCARI, A., **A Filosofia sai para as ruas**. Disponível em: <http://www.pFilosofia.xpg.com.br/04_misclanea/04_11_galileu/galileu_05.htm> Galileu, n.98, 1999.
- CHAUÍ, M. **Convite a filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.
- COTRIM, G. **Fundamentos da filosofia**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- KOHAN, W. & GALLO, S. **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KOHAN, W. **Filosofia para crianças na prática escolar**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ROWLANDS, M. **Scifilo**. São Paulo: Relume Dumará, 2005.